

A PONTE MEDIEVAL DE SÃO LÁZARO (ALFENA, VALONGO)

Notas sobre o acompanhamento dos trabalhos de conservação e restauro

*António Baptista Lopes**
*Armando Coelho F. Silva**
Magna Araújo Mota
*Rui M.S. Centeno**

1. INTRODUÇÃO

A ponte de S. Lázaro, também chamada *Ponte Pina*, situa-se, sobre o rio Leça, na antiga via medieval Porto-Guimarães, entre a capela de São Lázaro e o monte do Picoto, no lugar da Rua da freguesia de Alfena, concelho de Valongo, distrito do Porto, nas seguintes coordenadas geográficas, segundo a folha 110 da Carta Militar de Portugal do Serviço Cartográfico do Exército (Fig. 1):

UTM: 29TNF657401

Atitude: 95 m

Implantada na direcção Nordeste-Sudoeste, a ponte atravessa o rio na perpendicular, na continuidade da via que, na margem esquerda, se orienta quase em ângulo recto para montante, rodeando o monte do Picoto.

O terreno é acidentado, sobretudo na margem esquerda. Para o leito do Leça converge, no Inverno, grande quantidade de águas pluviais, originando inundações que tornam difícil ou impossibilitam mesmo a utilização da própria ponte. Algumas cheias de grande amplitude são recordadas pela tradição local e por outros registos como a inscrição gravada nas paredes do moinho das imediações que refere o nível atingido pelas águas em 1770 (Est. 3.1).

Assente em solo rochoso de xisto, característico da geomorfologia da zona, o material utilizado na construção da ponte é o granito.

Na área pratica-se agricultura de minifúndio em terrenos de aluvião, irrigados pelo rio Leça e seus afluentes, havendo captação e utilização colectiva de águas para esse fim. A montante da ponte, a menos de dez metros, existe um caneiro de betão que é conduta de águas de regadio e atravessa o leito do rio em diagonal, no prolongamento do rego de abastecimento a um moinho. Considerando a inestética e rudeza desta construção, concluído que está o restauro da ponte, torna-se evidente a necessidade da sua reformulação.

As margens do rio e de uma ribeira que nele conflui, a montante, foram tradicionalmente usadas, no lugar da ponte, pelas lavadeiras que antigamente prestavam seus serviços à população do Porto, tendo servido para batedouros da roupa algumas pedras retiradas das guardas da ponte.

As obras foram efectuadas por iniciativa da Câmara Municipal de Valongo, tendo ficado a nosso cargo a orientação científica e técnica dos trabalhos de conservação e restauro. Cumpre-nos, no entanto, lamentar não ter sido possível o acompanhamento da intervenção desde o início, uma vez que o tabuleiro fora desmontado sem nosso conhecimento prévio.

(*) Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.

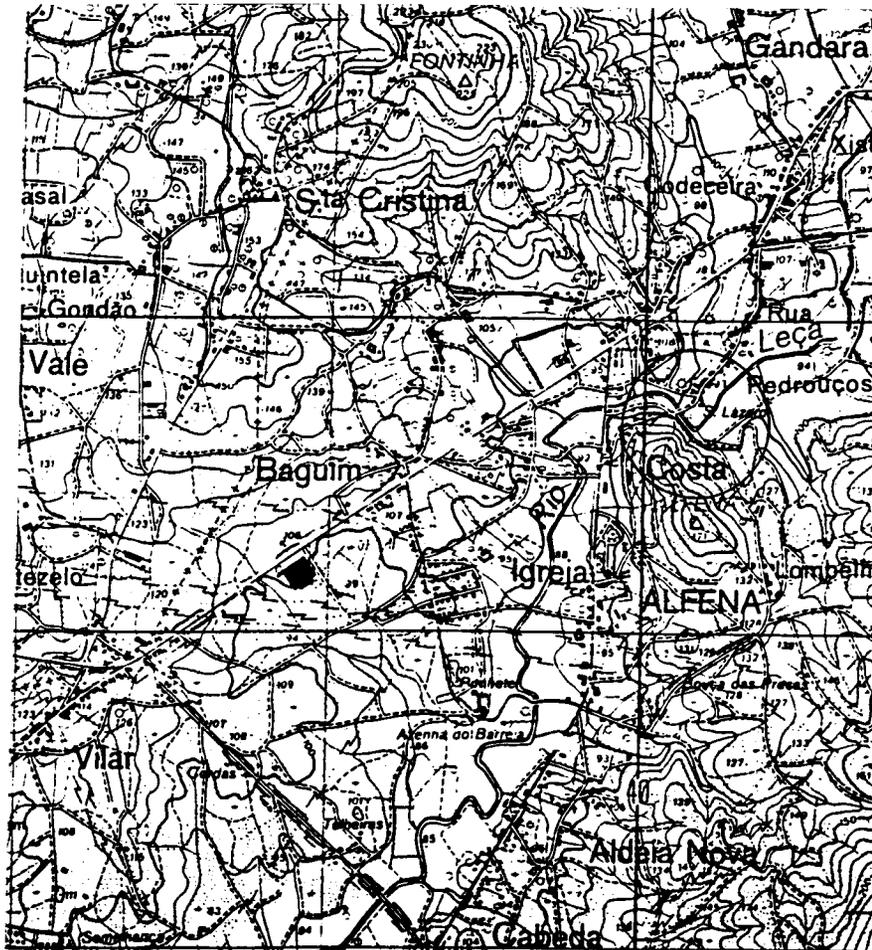


Fig. 1

Para além da ponte medieval, merecem registo, entre os dados por nós recolhidos sobre a região, a actual Capela de S. Lázaro, na margem direita do Leça, designada como de N^a Senhora da Ponte e de N^a Senhora dos Remédios em 1623 e 1747, respectivamente, um possível castro (Pico-to), citado no Tombo de 1689, uma gafaria, já referida em documentação de 1214 e 1258, um hospital, um troço da via medieval Porto-Guimarães, a Ermida de São Lázaro, talvez do século XVI e hoje destruída, e um moinho de apreciável construção, de três rodízios.

2. TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Na perspectiva desta intervenção foi realizado um estudo prévio, que contou com a colaboração de um grupo de alunos do ensino secundário e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Desse estudo consta o levantamento fotográfico, a planta e alçados, a inventariação, desenho e tratamento bicromático de siglas, na tentativa de recuperação da forma primitiva da ponte e estabelecimento de cronologia, que serviram de base aos trabalhos de acompanhamento iniciados em 10 de Agosto de 1994.

2.1. ANÁLISE DESCRITIVA (Fig. 2 e Ests. 1 e 2.1)

O cavalete da ponte consta de dois muros não paralelos, alteados na parte central, sobre o arco maior, constituindo a planta do caixão um trapézio alongado, de lados irregulares, mais estreito na margem esquerda do Leça sobre o arco menor. As fiadas são de pedras afeiçoadas a pico grosso, assentes sem argamassa. A jusante e a montante, junto à linha de água, pareciam ainda ser as primitivas, com os blocos bem entrosados, dispostos uns de peito e outros de testa, apesar de

prováveis desmoronamentos da ponte aquando de cheias cíclicas. Nos trabalhos de reconstrução, procedeu-se ao seu realinhamento, procurando, na medida do possível, o seu assentamento na posição original.

Entre os paralelos documentados na bibliografia regional e especializada, de que se destaca o estudo pioneiro de Carlos Alberto Ferreira de Almeida sobre as *Vias medievais: Entre Douro e Minho*, a estrutura e construção desta ponte aproxima-se singularmente da ponte da Ranha, Mondim de Basto, na estrada de Fafe, que apresenta mesmo idêntico tipo de siglas, podomorfos e cruciformes⁽¹⁾.

Em ambos os muros que ladeavam o cavalete documentou-se a existência de signos diferentes, repetidos, com mais frequência de podomorfos (Est. 3.2), que confirmam a atribuição de uma cronologia medieval ao monumento, de resto, de acordo com a referência de um legado de D. Gonçalo Gonçalves à gafaria de S. Lázaro em 1262 que faz supor haver então uma via frequentada e ponte⁽²⁾.

Desalinhamentos e irregularidades observadas no monumento testemunham apressadas reconstruções, ocorridas após ruína em datas indeterminadas. Um silhar almofadado, com marca dos *ferrei forfices*, sugere a existência de uma ponte ou pontão anterior, presumivelmente romana (Est. 3.3). Os vestígios são porém mínimos, mas, em todo o caso a merecer consideração, de acordo com o traçado que une esta à ponte romana de S. Martinho do Campo, Santo Tirso, sobre o rio Vizela, dizendo que uma via romana «passava não longe da Citânia de Sanfins e viria a Alfena e a Valongo... em busca ou, da estrada Cale-Bracara, ou antes, em direcção à zona marítima»⁽³⁾. Pena foi que não nos fosse possibilitada a análise, desde início do restauro, da natureza do assentamento e alicerces, tanto mais que se detectou a presença desse bloco almofadado romano.

O enchimento do vão, nas camadas superiores, constava de terra, pedra miúda de xisto e entulho de telha recente, denunciando obras modernas de arranjo do pavimento.

A ponte têm, actualmente, dois arcos colocados em eixos não paralelos, assimétricos e de diferentes dimensões, muito semelhantes no tratamento e disposição das aduelas, cujas arestas convergem num ponto a meio da base, com muita regularidade, sendo o dorso por vezes anguloso para encaixe nas fiadas dos paramentos laterais. O arco maior da ponte é formado por 38 aduelas, o mesmo número a montante e a jusante, com arestas concordantes aos alinhamentos das fiadas da abóbada interna; nenhuma ocupa o lugar central de chave. De volta perfeita, colocado sensivelmente a meio do rio, no ponto mais profundo do talvegue, é constituído de aduelas de cantaria, bem aparelhadas, de granito escolhido e sem siglas. Tem de raio 3,85 m e a abóbada que perfaz sob o tabuleiro tem no seu dorso, na geratriz, 2,70 m de uma face à outra de ponte. Internamente, as aduelas estão dispostas em alinhamentos regulares e muito bem esquadriadas. As fiadas superiores da abóbada estão salitradas e com o granito em franca decomposição por motivo de infiltrações de águas pluviais e outras, através do tabuleiro, que mostrava em alguns sítios já ausência de capeamento. De similar construção é o arco da Ponte de Pedra, também sobre o Leça, em S. Mamede Infesta⁽⁴⁾. Apresenta uma segurança e estabilidade razoáveis em virtude do desenho e disposição cuidada das aduelas, sendo raras as que se deslocaram do sítio original.

Este arco dava vazão à maior parte da água do rio e poderá ter sido eventualmente o único numa fase primitiva. Como a ponte está numa zona que, ciclicamente, sofre inundações de grande amplitude, cedo se deve ter verificado a necessidade de a complementar com outro arco de menores dimensões (1,65 m de raio) do lado da margem Sul, numa zona em que o cavalete seria mais extenso e suportaria maiores pressões da água. Haveria, assim, explicação para que o arco menor, de 15 aduelas, tivesse diferente e mais reduzida espessura no dorso (2,25 m) e representasse uma certa irregularidade de alinhamento na ponte, conforme se verifica, v.g., na ponte de Caganha, Medellín,

(1) ALMEIDA 1968, foto 107.

(2) ALMEIDA 1968, vol I, 130.

(3) ALMEIDA 1968, vol I, 42.

(4) ALMEIDA 1968, vol II, foto 85.

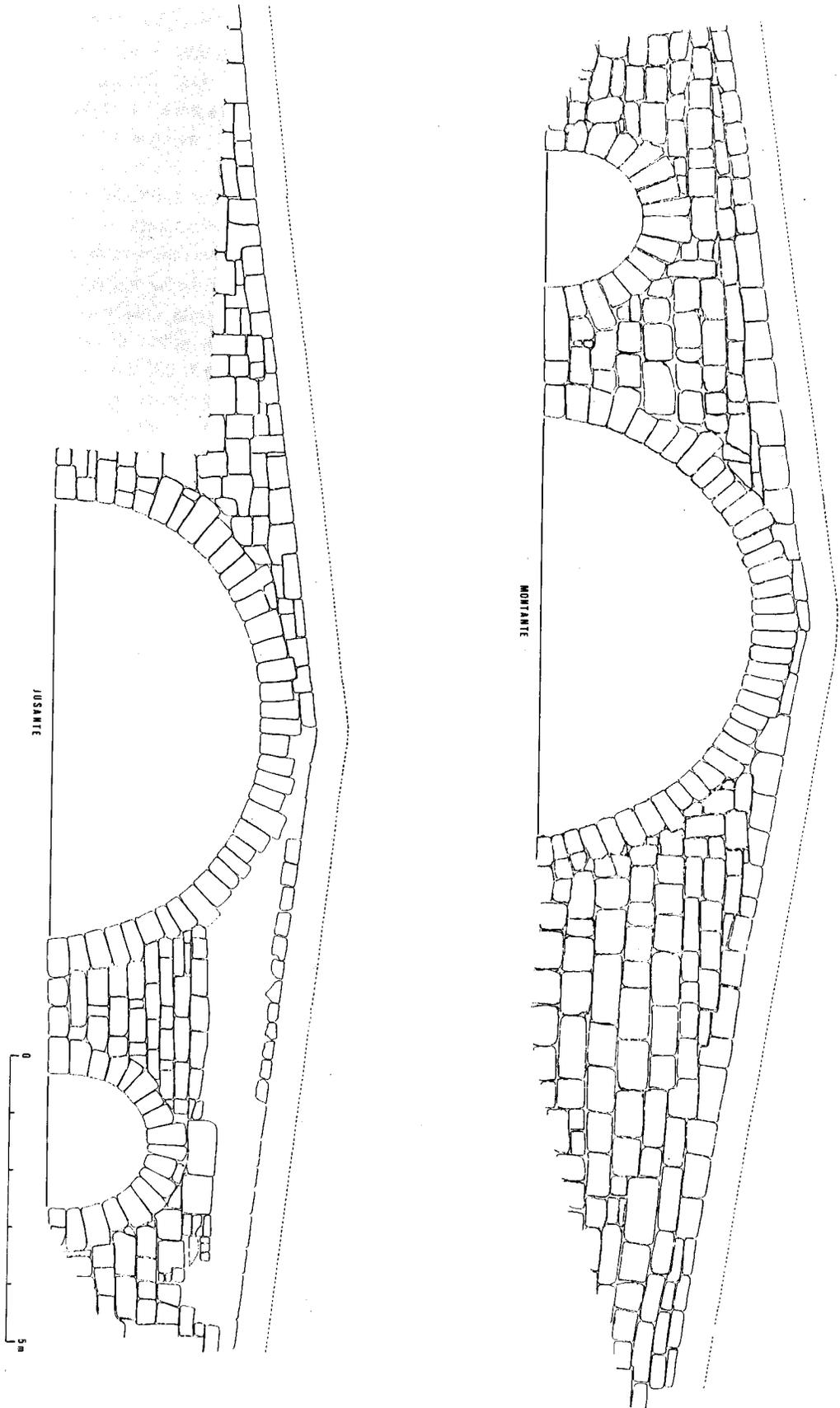


Fig. 2

na zona de Mérida, com idêntica estrutura⁽⁵⁾. Este arco, também sem siglas, não é perfeitamente alinhado com o maior e tem outras assimetrias de posicionamento e de dimensões, sendo, no entanto, do mesmo tipo de construção, de granito e de aparelho.

No início dos trabalhos, a ponte já não conservava guardas. No entanto, é do conhecimento dos habitantes que, há bem pouco tempo, restavam algumas delas. Várias pedras sigladas que lhe pertenciam, foram encontradas no rio, tendo aparecido outras sob o lajeado do último arranjo, ou fazendo mesmo parte dele. A altura média dos parapeitos deveria ser 0,60 m, em duas fiadas, sendo a superior boleada, conforme a documentação fotográfica existente⁽⁶⁾ (Est. 1.1).

O tabuleiro é alteado na zona média, sobre o arco maior. O lajeado não é o primitivo pelas razões apontadas e nele foram incluídos blocos siglados das guardas medievais, sendo alguns deles boleados. Os sulcos das relheiras produzidos pelo rodado dos carros de bois são profundos, mas não indicam demasiada antiguidade. A ponte tinha um trânsito intenso de agricultura e de serventia a uma importante via (Porto-Guimarães), com estalagem de muda para diligências em Alfena. Sobre o arco central, o lajeado há muito fora desgastado e eram as próprias aduelas do arco maior que apresentavam o desgaste dos sulcos dos rodados.

Não existem vestígios de talhamares, embora se saiba que a ponte deve ter suportado grandes pressões aquando de inundações, uma delas registada em curiosa inscrição feita num cunhal do moinho contíguo, em 1770, atrás referida.

2.2. INTERVENÇÃO (Est. 2.2)

Na intervenção de conservação e restauro, as medidas tomadas, de reforço e solidificação, não alteraram o aspecto e valor arqueológico, como consta dos pareceres dados ao longo das obras de recuperação do monumento.

No levantamento do lajeado, no entulho barrento que enche o vão entre os muros do cava-

lete, foram encontradas quatro estelas medievais com cruces insculturadas em ambas as faces, provavelmente procedentes de cabeceiras de sepultura.

O cavalete foi alteado em arranjos anteriores, com restauro grosseiro, provavelmente após inundação e derrocada. Algumas fiadas superiores dos muros laterais, de pedra tosca, mau granito e xisto misturado, estavam desalinhas, mostrando mau paramento. Nesta operação, os muros do cavalete foram regularizados, com o aproveitamento possível do material existente, pedras antigas, sigladas, sem cunhas. Se o acompanhamento tivesse sido anterior à desmontagem e à recolocação das fiadas de pedras, desde o início, situação que se não verificou, teria sido possível uma reconstrução mais aproximada do aspecto original medieval, com fiadas regulares e isódomas, ausência de cunhas, estreitamento das juntas e aparelhamento das faces.

Face ao estado de degradação em que o tabuleiro se encontrava, tendo já desaparecido sobre o arco maior, e considerando que não se tratava de elementos originais, optou-se, de acordo com intervenções de restauros congéneres⁽⁷⁾, pela renovação geral do pavimento, com lajes esquadriadas e picadas na face, convenientemente alinhadas em fiadas, com enquadramento lateral de pedras pertencentes à construção primitiva. Antes do assentamento do novo pavimento, procedeu-se à consolidação e impermeabilização do cavalete com betão, na perspectiva de uma melhor conservação e utilização regular do monumento, conforme se aconselha nestas circunstâncias.

Em pareceres elaborados no decurso da obra foi recomendado que se procedesse à reconstituição das guardas, com base nos vestígios descobertos, documentos gráficos recolhidos e em paralelos construtivos, assim como à substituição dos lancis da via no encontro com a ponte que, por mal alinhados e de cimento, tiraram dignidade ao monumento. De resto, a zona envolvente, degradada, com moinho arruinado, muros de divisão de propriedade inestéticos e de blocos de cimento, capela românica mal restaurada, casas agrícolas originais adulteradas e de péssimos azulejos nas frontarias, postes de electricidade distribuídos ao

⁽⁵⁾ ALVAREZ MARTÍNEZ 1983, Lám. LXII.

⁽⁶⁾ ALMEIDA 1968, vol. I, foto 86. Outras fotografias, inéditas, in PIMENTA *et alii* 1979.

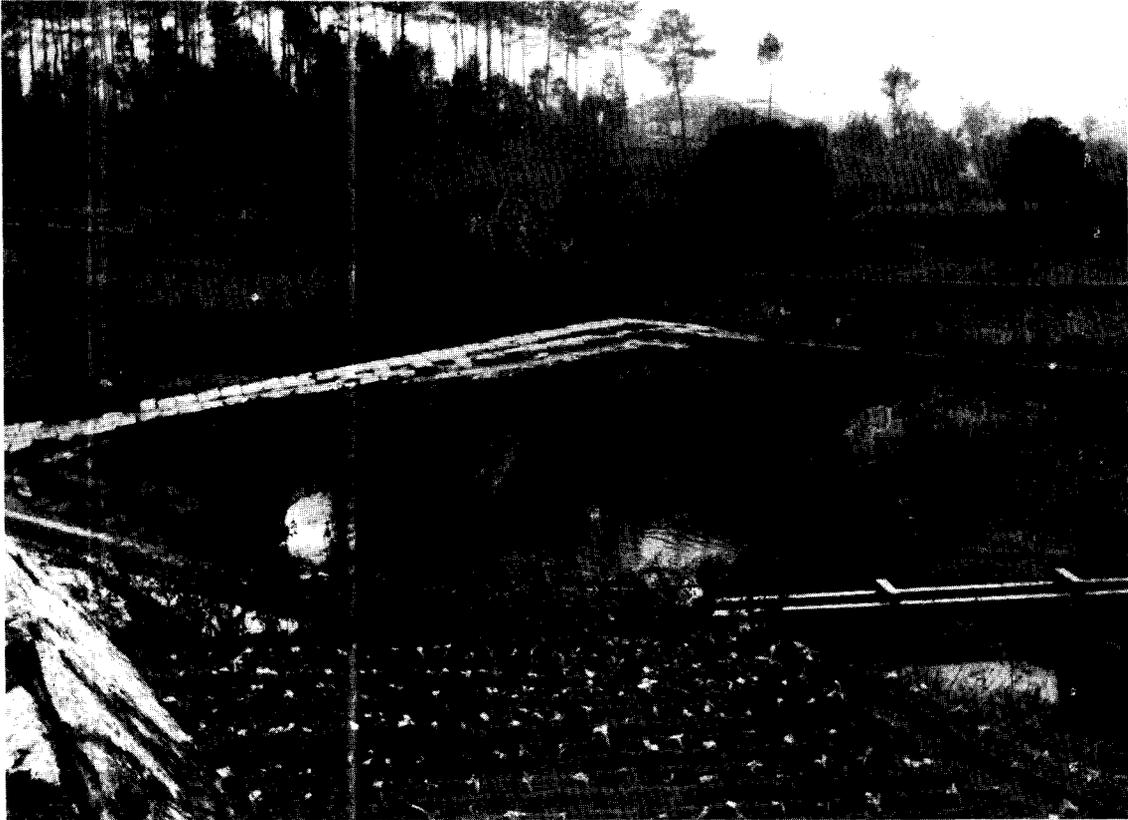
⁽⁷⁾ V.g., GONZÁLEZ - CARBÓ 1989, 118-21.

acaso, conferem ao ambiente uma nota de desagradável abandono que em boa altura a Câmara Municipal de Valongo se propõe remediar.

Apesar dos condicionalismos verificados no acompanhamento desta intervenção de restauro da Ponte de S. Lázaro, monumento medieval do século XIII, estamos cientes de ter contribuído, com esta acção, para a valorização de um património estimável do concelho de Valongo.

3. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Vias Medievais: Entre Douro e Minho*. Porto 1968 (Diss. Licenciatura, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dact.).
- ALVAREZ MARTÍNEZ, José María – *El puente romano de Merida*. (Monografias Emeritenses), Badajoz 1983.
- ALVES, Joaquim – *Monografia da Vila de Valongo*. Porto 1904.
- CABRITA, A. Russo; SILVA, M. Margarida C.F. – *Monografia do concelho de Valongo*. Valongo 1973.
- GONZÁLEZ, A.; CARBÓ, P. – Puente viejo de Castellbell, ON 102, Barcelona 1989, 118-21.
- MOREIRA, A. Domingos; CARDOSO, N. A. M. – *Alfena, a terra e o seu povo*. Cucujães, 1973.
- PIMENTA, M.S.R.L.; TEIXEIRA, E.C.S.; SILVA, M.V.R.G.; ESTEVES, L.M.C. – *Carta Arqueológica do Concelho de Valongo*. (trabalho inédito orientado por A.C.F. Silva e R.M.S. Centeno nas disciplinas de Sociedades, Culturas e Civilizações Pré-clássicas e Sociedades, Culturas e Civilizações Clássicas da FLUP, 1979).
- TEIXEIRA, F.S.T. – *Pontes romanas no distrito do Porto*. (trabalho inédito orientado por R.M.S. Centeno na disciplina de Arqueologia Clássica da FLUP, 1986).

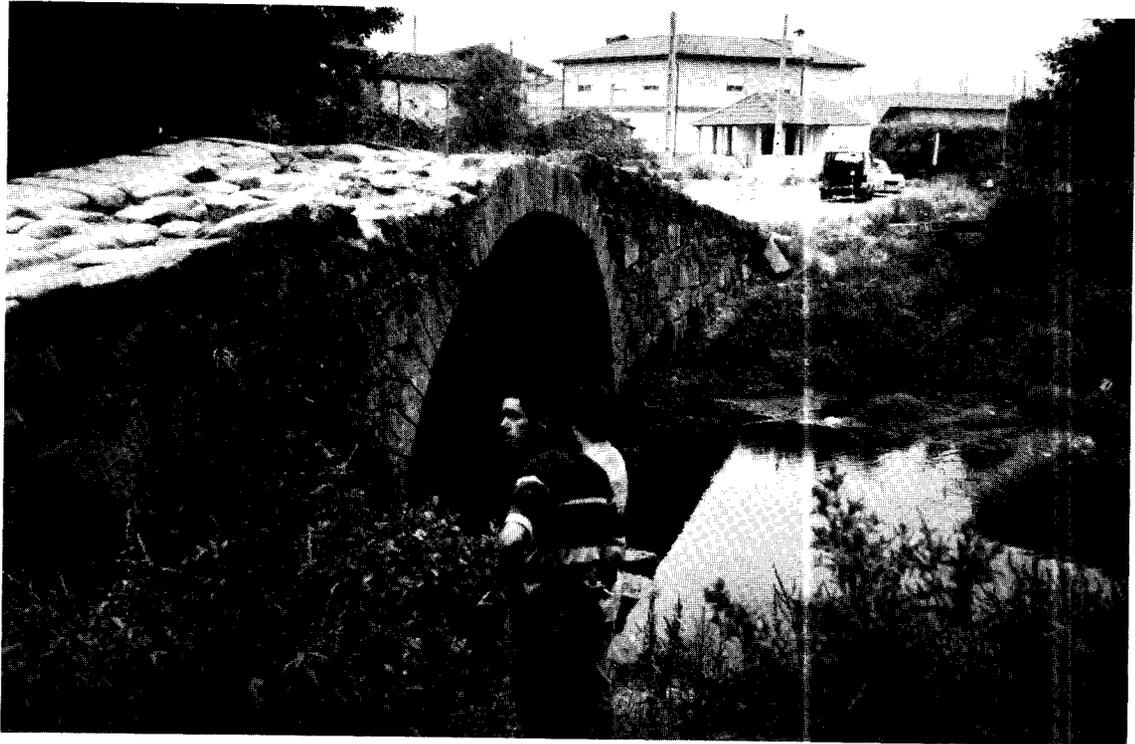


1

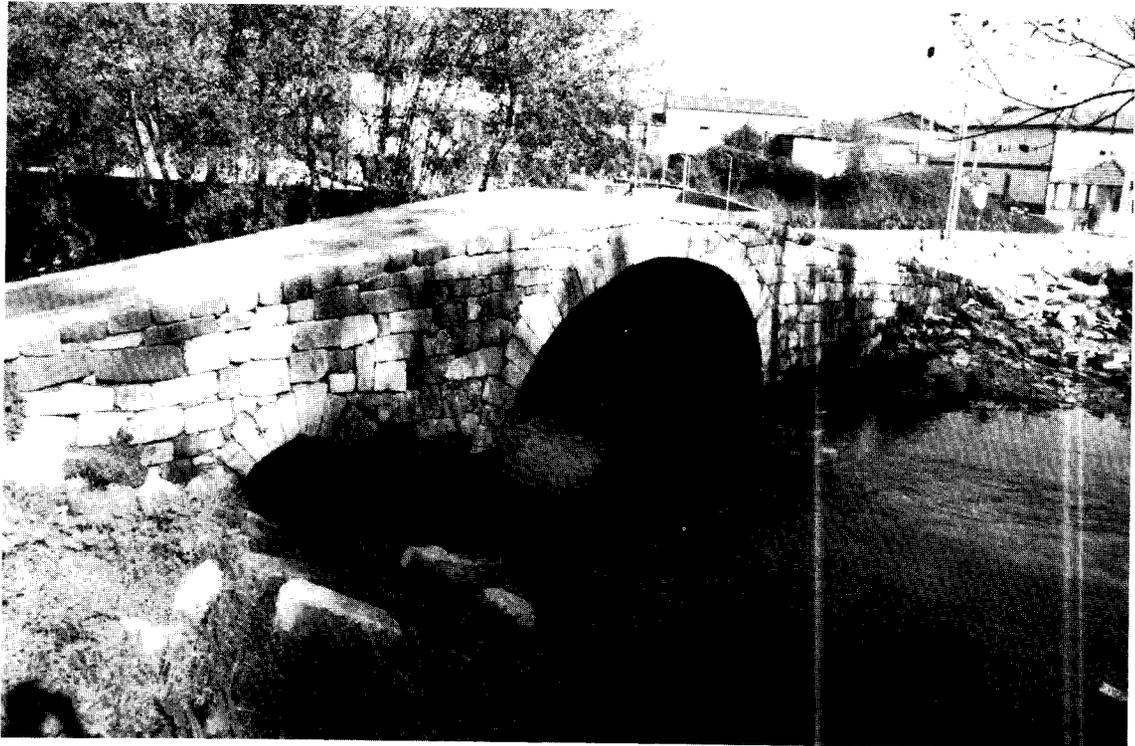


2

Est. 2



1



2



1



2



3

